

Eu e Elas – Imagens de mulher na imprensa portuguesa

Profa. Dra. Elisabeth Battista¹ UNEMAT/CAPES

...

Resumo:

O estudo de recortes ficcionais de *Eu e Elas – Apontamentos de Romancista* (1945), publicado pela Editora Aviz, selecionado para esta comunicação, busca a identificação de aspectos da vida social encenados na representação literária e cultural sob o olhar de Maria Archer. Nosso objetivo é pensar como a prática intelectual de Maria Archer, no segundo quartel do século XX, elabora, recorta, e põe em circulação dadas ideias, fazendo funcionar uma espécie de (re) visão de conceitos, imprimindo novos olhares para os modos de ser e de viver, nas relações entre cultura e vida social nos países de Língua Portuguesa. .

Palavras-chave: Literatura, Imprensa, Maria Archer

Introdução

A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo) a experiência humana.
Tzvetan Todorov (2009, p, 22)

Representações da vida social e humana na Literatura e na imprensa de Língua Portuguesa têm se constituído nosso objeto de estudo, com intuito de apreender e discutir o registro relacionado à prática de escritoras enquanto exemplares positivos de uma relação entre literatura e imprensa. Nesta reflexão dirigiremos nossa atenção para um caso específico. Isto porque os documentos que fornecem um testemunho da gênese da obra e vida da autora portuguesa Maria Archer registram que a atuação literária corre paralela ao jornalismo.

Tendo inaugurado seu destino viajante por terras africanas em 1910, com apenas onze anos de idade, a escritora e jornalista lusitana Maria Archer nome marcante da vida e cultura portuguesas, viveu também em Moçambique, em Luanda – Angola, onde lançou a sua primeira novela, em 1935, em Guiné-Bissau, Niassa, e a partir de 1955, no Brasil.

Esparso em, pelo menos 16 periódicos de Língua Portuguesa, a produção criativa de Maria Archer estampou jornais e revistas tanto em Portugal quanto no Brasil. Sua presença era regular em jornais e revistas, aliás, muitos de seus textos de temática africana aparecem inicialmente na imprensa periódica lusitana. Esse detalhe da biografia de Maria Archer ajudará a compreender a sua vasta

¹ Pós-Doutora pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa – FLUL. Bolsista CAPES. Docente no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL e no Departamento de Letras, Campus Universitário de Cáceres, da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT – Brasil, e-mail: lisbatys@hotmail.com, lisbatys@gmail.com.

bibliografia de temática colonial publicada ora em livros, ora em periódicos, ora, ainda, em revistas especializadas como: *O Mundo Português, Portugal Colonial e Ultramar*.

I – Entre Jornalismo e Literatura

A presença da escritora Maria Archer na imprensa do seu tempo pressupõe que nos voltemos para a caracterização da sua produção criativa aí. Área que conta pela nossa catalogação, com a contribuição de mais de uma centena de textos na forma de artigos, crônicas, ensaios e reportagens. Em destaque, publicações brasileiras como, *A Gazeta, O Estado de São Paulo, e Portugal Democrático*

Deste modo, pretende-se apreender o olhar da autora, afim de pensar como a prática intelectual de Maria Archer, no segundo quartel do século XX, elabora, recorta, e põe em circulação dadas ideias, fazendo funcionar uma espécie de (re)visão de conceitos, imprimindo novos olhares para os modos de ser e de viver, nas relações entre cultura e vida social nos países de Língua Portuguesa.

É neste sentido que o estudo de recortes ficcionais da coletânea de **Eu e Elas – Apontamentos de Romancista** (1945), publicado pela da Editora Aviz, visa a identificação de aspectos da vida social encenados na representação literária e cultural, sob o olhar de Maria Archer.

Tomando como ponto de partida a epígrafe inicial, onde Todorov diz que “ A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo) a experiência humana”. (Tzvetan Todorov, 2009, p, 22), notamos que, ao forjar a sua experiência literária na escrita para os jornais, Maria Archer em seu *Intróito*² apresenta o propósito de sua produção e, informa que sua coletânea é desprovida de pretensão maior.

É neste sentido que, no dizer da autora, a obra volta-se para uns “apontamentos de romancista, caderno secreto e pungente onde retirou anotações leves – de sátira amena, de entretenimento, de humorismo, de crítica” – os textos que compõe a coletânea tinham sido publicadas semanalmente, a partir de 1942, no periódico lisboeta **Acção**. A recolha, conforme a autora, é composta por crônicas de quadros vividos e, os seus títulos, bem como as respectivas datas de publicações, foram mantidos conforme a sua difusão no semanário.

Um olhar sobre a temática deste livro, composto por cinquenta e duas narrativas, verifica-se, com espanto, a apresentação de textos que *à priori* não tinham sido feitos para durar, uma vez que elas eram filhas do jornal – publicação efêmera que se compra num dia, e se descarta no outro – e “são frutos já, da era da velocidade tecnológica da máquina de escrever”, conforme Antonio Candido, em “A vida ao rés-do-chão” (1992, p. 12). A autora, conforme se sabe, escrevia-os, na máquina datilográfica sobre a mesa da cozinha, em sua morada, durante os anos em que viveu na capital portuguesa, Lisboa. Este fato nos remete àquilo que BACHELARD (1965. p. 71) “ ... as paixões cozinham e recozinham no recolhimento. É encerrado em sua solidão que o ser de paixão prepara suas explosões ou os seus feitos.”.

O fato de promover a sua passagem do jornal para o livro verificamos que a sua durabilidade será maior, aspirando mesmo a certa perenidade. É o caso da coletânea de narrativas **Eu e Elas – Apontamentos de Romancista** (1945), no qual verifica-se o registro literário de cenas da vida cotidiana num dos gêneros que se popularizou no Século XX – a crônica. A partir da vivência pessoal, a produtora textual descortinou o panorama da vida íntima e social. Um esforço por compreender a experiência humana, conforme Todorov, em **O perigo da literatura** (TODOROV, 2009. p. 22). O *Intróito* – termo usado na apresentação pela autora – anuncia a predominância do cariz humorístico da coletânea:

Nenhuma imaginação nestas páginas. Relatos fotográficos de casos acontecidos e de que tive conhecimento directo. Fui buscá-las à l'humble verité, como me ensinou Maupassant. Se falo também de mim, como me ensinou Montaigne, é apenas

² Termo da autora no prefácio na pág. 7, de *Eu e Elas – Apontamentos de Romancista* (1945).

porque cada um de nós traz em si o mesmo paradigma da humanidade. A lente satírica com que fitei os outros também se virou para quem a tinha na mão. O meu trabalho neste livro foi quase o de um artista plástico. Moldei a obra sobre o modelo vivo. Colori-o com o humor dos meus dias – hoje alegre, amanhã triste, ontem saudoso, de quando em quando mordaz, nunca cruel. (...) Creio, porém, que há-de haver quem as leia e sofra na sua sensibilidade. Nem todos os meus modelos gostarão de se ver reproduzidos no quadro. Isso faz-me pena, mas não me causa remorsos. A cópia é fiel. Se os modelos se arrepiam da própria contemplação, a culpa não me pertence. O povo me ensinou que “o que arde cura”. “Não é preciso ser bom, basta ser justo...” Isto foi Platão quem me ensinou e eu queria aprendê-lo, com êle, e em relação aos outros e a mim. *Castigai rindo mores...* Possa eu também receber, como único castigo, aquele que dou!” (ARCHER, 1945. p.12)

Maria Archer, em seu projeto estético, ao adotar como instância de reflexão o comportamento humano e suas contradições, fornece um diversificado painel de imagens de mulher, representadas artisticamente na imprensa portuguesa. Em sua obra, conforme anunciou parece adotar alguns princípios clássicos. Dentre eles, o teorizado pelo humanista Michel de Montaigne (1533-1592), para quem, a escrita é um meio de chegar ao conhecimento de si, e considera, ainda, que o único conhecimento de valor é aquele que se logra por si mesmo.

Na mesma esteira de Montaigne “Ninguém determina do princípio ao fim o caminho que pretende seguir na vida; só nos decidimos por trechos, na medida em que vamos avançando.” (MILLIET. 1980. p. 162). É neste sentido, talvez que a cada texto o leitor é surpreendido com um final inusitado, no qual evidencia a dialética das contradições humanas. Outro princípio, “castigar rindo dos costumes”, desta vez atribuído a Platão, adotado como estratégia discursiva é a sátira aos costumes. Ou seja, por meio do humor, do riso, traça-se a crítica à moral, à incoerência, às contradições do comportamento.

II – Entre razão e sensibilidade

A autora, na referida coletânea, parece ter compreendido o papel intelectual do crítico. Conforme já assinalara BUESCU, em **Incidências do olhar**, (1990. p. 50), o espaço da produção literária ou a forma de concebê-lo não é imutável, mas passível de mutações, de acordo com as alterações na maneira de o ser humano pensar a si próprio, sendo ao mesmo tempo o elemento organizador desse espaço e parte integrante dele. Sabe-se que, de acordo com o espaço do jornal a escrita assume uma forma peculiar. É assim que a vivacidade da narração dos episódios apresenta-se, conforme a circunstância, ora em tom humorístico, ora tom poético-reflexivo, como é o caso, por exemplo, da narrativa “Eu vi o pelicano abrir o peito”, op. cit. (1945, p. 267- 277), cujo excerto transcrevo:

“Ela”, a que está aqui, ao meu lado, sentada no *maple* de veludo vermelho que acolita a secretária onde escrevo, tem os olhos desfeitos em bagadas, cravados, com esperança cintilante, na mão que traça estas linhas, [...] “Ela” é verdadeiramente mãe, devotada no seu sacrifício, maravilhosa na sua dádiva de pelicano, ainda mais maravilhosa por não compreender o que há de esplendor nos seus gestos humildes, nas suas palavras soluçadas. [...] Nunca me senti tão apocada e tão mesquinha como me sinto diante desta mãe, perante esta mulher que veio ter comigo a suplicar-me amparo, e que, galvanizada de esperança, espera da minha pena o prodígio de comover a pedra dura e fera dos corações humanos.

(ARCHER, 1945. p. 267)

Em sua narrativa potencialmente expressiva, publicada originalmente em junho de 1944, no auge da crise vivida durante a Segunda Guerra Mundial, altura, como se sabe, de intensa crise econômica, onde a partir da necessidade de uma mulher na condição de mãe, que mediante desemprego do esposo, vê interrompido os estudos do seu filho, que se revelava, desde a infância, inteligência superior e, para não abortar prematuramente a carreira de um brilhante futuro médico³, empenha-se em conseguir bolsa de estudos. Maria Archer empresta o seu espaço de expressão semanal e a sua habilidade de escritora para expor as circunstâncias de sua súplica.

Neste recorte, investida de uma evidente sensibilidade ao contexto social, a autora, enuncia-se como porta-voz do “outro”, por meio do território da escrita e explora possibilidades expressivas da língua portuguesa. Parece ser este sentido também, que o linguísta Jean CALVET (1974, p. 39), no seu livro **Linguistique et Colonialism** afirma que a literatura é um lugar privilegiado para a atualização das potencialidades expressivas da língua, pelo processo de representação do pensamento que evidencia.

Deste modo, ao converter sua observação em “experiência comunicável”, conforme expressão de Walter benjamin (1985, p. 198) Maria Archer intervém, de forma envolvente e engajada, fixa aspectos da vida social encenados na representação literária. Ou seja, o projeto de dar visibilidade à experiência vivenciada, não impediu a autora de analisar o funcionamento do sistema e sua historicidade, conforme Scott (1999, p. 27): “ Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência”. Em Maria Archer parece que há um esforço por tornar a experiência, um processo que transforma as subjetivas relações que são, em questões sociais e históricas – e, portanto, contingentes, na medida em que não exclui necessariamente outras experiências femininas, universalizando o particular e generalizando o local.

O conjunto de suas narrativas evidencia, contudo, que boa parte são produzidas na esteira discursiva da sátira bem humorada, cujo foco temático, conforme afirmamos anteriormente, volta-se para a incoerência das ações humanas, e no caso, as protagonistas são mulheres. A autora recupera fatos vivenciados na vida social, por meio da memória encenando-os no espaço simbólico. Neste aspecto, Márcio Seligmann-Silva (2008, p. 391), em “Os escaninhos da memória” afirma “A memória tem a ver com o presente, embora sempre seja vista como coisa do passado. Ela é uma construção do presente, está sempre voltada para questões atuais. [...] O teatro da memória é eminentemente político.” O registro e a posterior difusão de suas memórias evidencia o código enunciativo da obra que se coloca ao mesmo tempo, como uma contribuição literária e um documento histórico.

Considerações finais

Ao pronunciar-se como autora comprometida com o contexto histórico-social e intelectual que a envolve, consciente dos limites epistemológicos do seu discurso e sua prática literária, em um tempo em que havia pouca possibilidade da mulher se colocar fora do modelo imposto pelo regime patriarcal, não significa que Maria Archer não tivesse ousado fazê-lo, em nome da emancipação do pensamento e da revisão de conceitos antiquados acerca da imagem da mulher. Ainda que suas narrativas fossem canal de expressão da incoerência do comportamento feminino e, uma tentativa de promover a revisão da imagem que a mulher tinha de si mesma.

³ Vimos a saber, por ocasião da elaboração da Tese de Doutorado intitulada: **Entre Literatura e Imprensa: Percursos de Maria Archer no Brasil**. Universidade de São Paulo – USP, 2007, que tratava-se do seu sobrinho – o Professor Doutor Fernando de Pádua, Médico Cardiologista, Professor jubilado da Faculdade de Medicina, da Universidade de Lisboa – UL, Portugal. De maneira especial agradece-se à generosidade da família e de maneira especial ao Professor Fernando de Pádua, pelo acesso às fontes e informações sobre a autora portuguesa Maria Archer.

A apropriação estética da palavra somada ao exercício de autonomia na livre expressão do pensamento levam Maria Archer ao forjamento de um novo espaço de significação da língua portuguesa e fornecem um suporte para a compreensão da sua visão de mundo.

É desta forma que temas vários associados ao comportamento humano, protagonizados por mulheres emanam de sua coletânea: idiosincrasias, pequenas maldades, competição feminina, rivalidades, jogo de interesse financeiro, pequenos golpes, inveja, assédios, premeditação, etc. É, assim, que a mulher aí nomeada subsidia uma importante proposta de revisão do comportamento, seja por meio da exposição dos pequenos desvios de caráter, seja pela ampliação das possibilidades interpretativas do texto literário.

E, neste sentido, estamos que acordo com Inocência Mata que em uma das suas contribuições para o periódico **Gragoatá** intitulada: “No fluxo da resistência: A literatura (ainda) universo da reinvenção da diferença”, afirma: “Dentre os usos diferentes que uma língua pode ter, conta-se o uso estético como uma das práticas culturais mais diferenciadoras.” (MATA, 2009. p.15).

Assim, a prática intelectual de Maria Archer para os jornais, nos anos 40-50 em Portugal, vem a estabelecer um canal de comunicação pela via da diferença – isto porque, o fato é que a mulher protagoniza os textos e, ao mesmo tempo, no âmbito da autoria, o verbo é feminino, pois, a palavra, explorada na sua dimensão estética, está com a mulher.

A política da representação literária da imagem da mulher é a que nos interessa, tanto no sentido de que elas nos representam, quanto no de que são de autoria da mulher, que neste caso, se coloca como produtora e, portanto, sujeito. A captação das mentalidades da época, cuja representação literária e humana se nos apresenta na forma de um verdadeiro e divertido caleidoscópio de comportamento na vida social portuguesa, sobretudo das décadas de 40 e 50, a autora nos mostra que, a despeito das progressivas conquistas da mulher, a essência feminina permanece.

Assim, as narrativas podem se tornar uma fonte de identificação, uma vez que a imagem da “outra mulher” que habita os textos converte-se num repertório de possibilidades, no âmbito da relação Mulher e Literatura, cuja investigação urge aprofundar.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1965.

BATTISTA, Elisabeth, **Acervo Literário Maria Archer - ALMA**. Trabalho de Pós-doutorado realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito do Centro de Estudos Comparatistas, sob a supervisão da Profa. Dra. Inocência Luciano dos Santos Mata. 2012, 744 p.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. (1936). In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, volume 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. SP: Ed. Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BUESCU, Helena Carvalhao: **Incidências do olhar: percepção e representação**. Natureza e registro descritivo na evolução do romance romântico (Portugal, França, Inglaterra). Caminho, 1990.

CALVET, Jean. **Linguistique et Colonialism**. Paris, Payot, 1974. p. 39.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992

MATA, Inocência. **No fluxo da resistência: A literatura (ainda) universo da reinvenção da**

diferença. Revista Gragoatá, n° 27, Niterói, 2009, p. 11-31.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. In: **Ensaaios - Michel de Montaigne**; tradução de Sérgio Milliet, 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 159-162.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Os escaninhos da memória”: Jornal da UNICAMP, Edição 391, (07 a 13 de abril 2008).

SCOTT, Joan. “Experiência”. Trad. de Ana Cecília A. Lima. In: SILVA, Alcione L.; LAGO, Mara C. S.; RAMOS, Tânia R. O. (org.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras.** Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-55.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Webgrafia

BATTISTA, Elisabeth. **Literatura e imprensa como fator de aproximação cultural nas relações ibero-afro-brasileiras.** Blog Estudos de Literatura: Brasil e Angolav- 2010. <http://estudosdeliteratura-brasileangola.blogspot.com/2010/09/ensaio-de-elisabeth-batista.html>

(Acessado em 30-01-2013).

SCHMIDT, Rita. VI Seminário Nacional Mulher e Literatura, na UFRJ, 1995, In.: <http://www.outrostempos.uema.br/vol.6.8.pdf/Vicente%20Madureira.pdf> (Acessado em 20 de junho de 2013).